

samuel gomes

guardai no armário

TRAJETÓRIAS, VIVÊNCIAS E A LUTA
POR RESPEITO À DIVERSIDADE RACIAL,
SOCIAL, SEXUAL E DE GÊNERO

**PA
RA
L
E**

Pai, estou namorando
De volta ao jogo
Dali para a frente, tudo mudou
Do meu lugar
O impostor
Mais que uma carteirinha
Medo político
A cor da minha família
UM FILHO GAY, RELATO DE UM PAI

Pertencendo

ENTREVISTAS

Ana Claudino
Murilo Araújo
Silvetty Montilla
Spartakus Santiago
jonas Maria
Nátaly Neri
Jup do Bairro
Rodrigo França
Cristina Naumovs

Agradecimento

Sobre o autor

Créditos

Dedicatória

Dedico este livro à minha ancestral mais próxima de quem tive o privilégio de ser neto, minha avó Bárbara de Paula. A ela eu dedico estas primeiras linhas e todas as conquistas que tenho e terei, pois, se não fosse por ela, pelo amor que ela dedicou não apenas a mim, mas a todos os bisnetos, netos, filhos e a todos que ela conhecia e fizeram parte desta minha história, eu não estaria aqui.

Dedico este livro a todos os Samucas que ainda existem no Brasil. Você, que se sente culpado por ser quem é. Você, que está lendo este livro escondido. Este livro é para todas as pessoas que acreditam que seu futuro é de sofrimento eterno por ser LGBTQIA+. Eu passei por isso e, quando pensei que já tinha me livrado de todas as amarras e pesos, descobri um fundo falso no meu armário. É ele que dividirei aqui com vocês.

Dedico este livro a todos os escritores negros. A todos os escritores independentes. A todos os escritores periféricos. A todos os escritores que nem sequer um dia iremos conhecer pela falta de oportunidade e espaço que lhes são tirados.

Dedico este livro às pessoas que graças às políticas públicas de inclusão entraram na faculdade, se formaram e, mesmo com muita dificuldade, conseguiram trabalhar na área em que acreditam e amam.

Dedico este livro aos meus amigos do colégio Martins Penna, aos amigos da Uniban, aos amigos que fiz no mercado publicitário, aos

amigos que fiz no Projeto Purpurina, aos que fiz durante minha caminhada até agora.

Dedico este livro a alguns profissionais de saúde: a psicóloga dra. Ana Maria Ferreira, o psiquiatra dr. Edir Corrêa de Araújo e a coloproctologista dra. Fabiana Orozco.

Dedico este livro aos meus pais e à minha irmã, que passaram por tudo isso comigo, que sofreram e evoluíram na medida deles dentro desse processo todo. Que tem suas próprias lembranças de vários momentos que citei. Agradeço a eles por ter o privilégio de poder passar pelo processo de aceitação em conjunto. Sei que nesse processo houve vários conflitos e haverá outros por diversos motivos, mas sei o quanto amam tudo o que vivemos. Somos uma família.

Dedico este livro ao Luiz e à Vita, que são os seres que mais me conhecem hoje em dia. A quem dedico a minha atenção e amor. É por eles que luto para que possamos naturalizar nossa existência enquanto família.

Por fim, dedico esta obra a todas as pessoas que de forma positiva ou negativa me fizeram ser quem sou hoje. Transformei nossa caminhada em arte, em literatura, em história e dividirei com muitas pessoas. Que mais livros com protagonistas negros, com suas particularidades e profundidades, existam. Que mais autores negros tenham mais espaços que eu. Dedico este livro ao movimento negro, ao movimento LGBTQIA+, aos movimentos sociais, a todas as minorias que sonham com uma nova sociedade.

Como cheguei até aqui

Começo a escrever este texto na tarde de um dia frio, na casa onde moro com o Luiz, hoje meu marido. Temos uma cachorra vira-lata adotada. Nós nos mudamos há pouco tempo e tudo ainda está meio bagunçado. Mas temos móveis recém-comprados graças a alguns trabalhos que tenho feito como publicitário, influenciador, criador de conteúdo e palestrante. Olho ao meu redor e só consigo sentir amor.

Se ao escrever a primeira edição deste livro o meu objetivo era mostrar o quanto ser gay, negro, ex-evangélico e periférico tinha me colocado em situações ruins, agora eu conto para vocês como essas características mudaram a forma como lido com o mundo ao meu redor. Na minha inocência, acreditei que, ao lançar este livro, estaria finalizando um processo, enterrando meus demônios e construindo um novo futuro. Minha sexualidade estava exposta para quem quisesse conhecer, eu tinha encontrado na literatura uma arma poderosa para dividir minhas angústias com outras pessoas e descoberto junto com elas que não estava sozinho. Conte a minha história para que ninguém passasse pelo que eu passei, para que as pessoas se aceitassem como são, bem como suas famílias e a Igreja. O canal no YouTube veio com o mesmo objetivo, e ainda mais democrático: a ideia era trazer outras vozes para falarem de si, da realidade das pessoas LGBTQIA+ no país que mais mata essa população no mundo.

Entendi com o tempo que este não era um livro, era o meu manifesto por um maior reconhecimento e visibilidade para pessoas iguais a mim,

pretos, periféricos, gays afeminados, com a fé no homem ou em Deus abalada. Sinto até hoje uma força gigante para manter esse projeto de pé e não faço ideia de onde ela vem. Talvez da vontade de que ninguém mais precise sofrer para ser quem é. Espero que a leitura deste livro e da minha história desperte o melhor em você também.

Um passado ainda presente

EU SEI QUE SOU GAY DESDE BEM CEDO, SÓ QUE A MINHA consciência do que isso significava veio depois de muitos anos, junto com todos os medos e incertezas que acompanham essa realidade. Assim como uma pessoa heterossexual não se pergunta quando decidiu a própria sexualidade, eu não escolhi ter desejos, afeição e sentimentos por homens.

Nasci em 1987, na periferia da Zona Sul de São Paulo, em uma família de pais negros e uma irmã um ano mais velha. Minha mãe teve dificuldades no meu parto, que aconteceu depois do tempo previsto, e nasci com algumas complicações. Minha mãe também sofreu; sua pressão subiu e nós dois acabamos na UTI. Eu saí antes dela, que ficou no hospital com risco de morte. Tive várias mães de leite no bairro onde morava, já que minha mãe, depois que voltou do hospital, estava tomando muitos remédios e não podia me amamentar.

A religiosidade sempre foi o fio condutor da vida da minha família. Meu nome vem de uma promessa que meus pais fizeram antes de eu nascer, durante um culto. Como a gestação e o nascimento da minha irmã também foram complicados, eles prometeram a Deus que, se tivessem um filho homem, ele se chamaria Samuel, “aquele a quem Deus ouve”. Apesar de todas as dificuldades, meus pais acreditavam que eu era um filho prometido.

Meu pai, Benedito, nasceu em Mato Grosso do Sul, veio para São Paulo aos dezoito anos com um dos seus irmãos, e aqui se converteu à

Congregação Cristã no Brasil, uma Igreja evangélica. Ele é o exemplo do homem dedicado à família e ao trabalho, e uma grande referência para mim.

Meu pai foi o primeiro evangélico da família dele, os Gomes, que na época eram uma mistura de católicos e umbandistas, e durante muito tempo viveu sendo o exemplo de crente para os demais irmãos. Para ele, ser crente era obedecer, sem questionar, a tudo o que era pregado. Ele aprendeu a ir à igreja diariamente, orava muito e se santificava. Batizou-se, fez muitos amigos, e com eles pregava quando visitava familiares. Anos mais tarde, dentro da igreja, conheceu a mulher com quem se casaria em poucos meses, Maria Ligia. Depois de um ano e meio nasceu minha irmã, Miriã.

Éramos muito pobres e, quando eu nasci, morávamos em uma casinha de madeira. Meu pai sempre trabalhou fora, e minha mãe dividia seu tempo entre cuidar dos filhos, de casa e da casa da patroa — na época, ela trabalhava como empregada doméstica. Logo nos meus primeiros anos de vida, fomos viver de favor no quintal da minha avó por parte de mãe, onde passei quase toda a minha infância e adolescência.

Quando completei quatro anos, já morando na casa de apenas dois cômodos que meu pai construiu com a ajuda dos meus tios no quintal, tive minha primeira festa de aniversário, uma de minhas memórias mais antigas. Moravam ali também, em outras quatro casas, muitos tios e primos meus.

Tive alguns amigos na pré-escola — com muito esforço, meus pais conseguiram vaga em uma escolinha particular católica perto de casa para mim e a minha irmã. Como era a escola do bairro, muitos eram praticamente meus vizinhos, e íamos nas casas uns dos outros para

brincar. Foi com esses vizinhos que comecei a ter consciência dos meus desejos.

Quando os parentes me perguntavam se eu tinha namorada, eu respondia que sim, mas me pegava pensando nos meus amigos mais próximos. Essas lembranças me causavam um sentimento muito bom e puro, mas eu não tinha coragem de expressá-lo — mesmo sem saber exatamente o que era aquilo, eu não arriscava falar algo que pudesse magoar ou chocar os adultos.

Certa vez, na casa de um desses amigos, resolvemos brincar de casinha, e, como acontece com todo casal, um chegava do serviço e cumprimentava o outro com um beijo. Nesse momento dei um selinho no meu amigo, e os outros dois que viram a cena fizeram o mesmo. Não sabíamos o que isso significava, nem sabíamos o que era “beijo gay”; só repetimos o que os adultos faziam.

Eu e meus amigos nunca comentamos a respeito, mas passei dias pensando no que tinha acontecido e, na verdade, guardei essa cena por vários anos. Eu tinha muitas perguntas e medos, porém não tinha com quem falar — minha família sempre foi muito reservada e meus amigos eram praticamente todos da igreja —, e me sentia angustiado e sozinho.

Com seis anos comecei a estudar violino, querendo seguir os passos do meu pai, que tocava na igreja com a minha mãe. Ela tocava órgão — o único instrumento permitido às mulheres na igreja —, e juntos eles faziam parte da orquestra, um grupo de pessoas que, com seus diversos instrumentos, harmonizava os louvores cantados pelos outros fiéis. Eu assistia a tudo aquilo e achava lindo ver meu pai tocando. Essa admiração despertou em mim o desejo pela música, e comecei meus estudos.

Nessa época eu já havia entrado no primário. Da primeira à terceira série eu e minha irmã ainda estudávamos em uma escola católica particular, o Colégio São Francisco de Assis, e éramos das poucas crianças negras por lá. Eles nos faziam rezar o pai-nosso e a ave-maria todas as sextas. O diretor era padre, e havia regras disciplinares bem rígidas. Lembro-me do conflito que eu sentia, porque o que ouvia na Igreja evangélica era muito diferente do que os padres falavam na escola. As rezas, os rituais católicos e os santos não faziam sentido para mim. Fui ensinado que somente os fiéis da Congregação Cristã no Brasil entrariam no céu, que todos os outros passariam por um julgamento e que era pecado adorar imagens.

A quantas festas deixei de ir por medo de errar! Éramos aconselhados a não participar de festas que a escola promovia, de festas juninas, de Páscoa, de Natal... Na minha rua, morava uma senhora que era de religião de matriz africana e que sempre distribuía doces no Cosme, mas meus pais nunca deixaram eu pegar um dela, e, se pegasse, tinha muito medo de algum mal acontecer. E, quando de alguma forma não conseguíamos escapar de um evento desse tipo, eu ficava angustiado, com medo de ser julgado e condenado.

A Igreja era muito rígida, e meus pais seguiam todas as doutrinas que os líderes pregavam. A televisão, por exemplo, era vista como uma vilã na vida das pessoas. Só tivemos televisão em casa depois de muita insistência. Antes disso, eu ia até a casa dos meus primos ou da minha avó para poder assistir a algum desenho ou ver novelas.

Apreendi muitas coisas dentro da Igreja, conheci muita gente do bem e fiz muitos amigos. Tive inúmeros exemplos de pessoas que praticavam o amor e cuidavam da alma. A mudança que acompanhei na vida das pessoas que frequentavam a Igreja, pessoas que foram curadas,

famílias que foram ajudadas, e a união que era sempre pregada na comunidade me encantavam. E a certeza de que Deus estava bem perto de mim fazia todos os meus medos e perguntas sem resposta se calarem.

Mas algo começou a não fazer sentido. Fiz muitos amigos queridos, com famílias lindas, que eu não achava justo que fossem para o inferno só porque não eram da mesma Igreja que eu. Essa segregação, que separava os fiéis dos “mundanos” — como chamavam as pessoas que não eram da mesma fé e doutrina —, fazia cada vez menos sentido para mim. Na Igreja eu ouvia que o mundo era cruel, perverso, cheio de maldade, pecados e todo tipo de coisa ruim, e que viver uma vida fora de lá me levaria para o inferno. E quem quer viver no inferno? Quem quer sofrer mais ainda depois da morte? Isso era uma tortura, e eu era uma criança cheia de medos. Meu esforço constante desde pequeno era me livrar dessas maldições.

Quando fui para a quarta série, meu pai perdeu o emprego e, com o novo que arranjou, não conseguia mais pagar a escola particular. Esse foi um momento bastante difícil para mim: a transferência para uma escola municipal. Eu estava acostumado com um ambiente limpo, com as carteiras brancas, todos os materiais escolares, o uniforme e as regras bem rígidas. Na nova escola tudo estava malcuidado e os alunos eram quase todos negros. Apesar de ser negro retinto, no começo não me identifiquei com aquela realidade — assim como nunca me perguntei por que existiam tão poucos negros na outra escola e na igreja.

Hoje eu sei, tenho a triste consciência de que durante muito tempo não me via como negro, não aceitava nem entendia minhas origens e negava conhecer minha cultura.

Eu não me identificava. Meus exemplos eram muito restritos, e os meus costumes foram moldados pela minha família dentro da Igreja.

Existe uma anulação muito grande das tradições africanas quando você faz parte de uma Igreja evangélica. O afro e toda a bagagem que isso carrega são tomados de preconceitos. Aos poucos, fui percebendo as consequências que a falta de referências causou em mim.

Além disso, foi nessa escola que comecei a sofrer bullying por causa da minha orientação sexual. Lembro-me bem de um episódio dessa época. Um dia, a pedido da professora, eu me sentei na fileira do fundo, onde ficavam as crianças mais bagunceiras e os meninos que caçoavam de mim. Eu não me sentia à vontade ali, e em certo momento, na ausência da professora, um dos meninos abriu o zíper por baixo da mesa e colocou o pênis para fora. Começou a mexer nele e me chamou para que eu visse. Não tive reação alguma, e logo depois ele o pôs de volta dentro da calça.

Embora nunca tenha tocado no assunto, meu colega continuou a zoar comigo na sala de aula, me chamado de bicha. Eu não entendia por que ele havia feito aquilo, se era algo comum entre os meninos. O que mais me intrigava era o que eu tinha sentido: curiosidade.

Crescer em um ambiente homofóbico

TOMEI CUIDADO, DURANTE TODA A MINHA INFÂNCIA E adolescência, para garantir que ninguém desconfiasse da minha homossexualidade. Por diversas vezes, passei por situações constrangedoras na escola, na Igreja e no quintal onde morava. Como, por exemplo, quando uma vez reunimos a família para uma festa na minha avó — nunca me esqueço desse dia. Todas as crianças estavam dançando ou brincando de alguma coisa: pipa, videogame, boneca. Eu, que sempre gostei de me expressar através da arte, cantando, dançando, desenhando, interpretando, criando — meus pais sabiam disso, mas nunca me incentivaram, por medo de que eu me afastasse da Igreja —, estava brincando de show com minhas primas no quintal.

Era um domingo, o quintal da minha avó estava cheio de parentes, e de repente três primos começaram a me chamar de Vera Verão, uma personagem travesti do programa *A Praça é Nossa*, dos anos 1990, interpretado por Jorge Lafond, um homossexual negro. Eles queriam me ridicularizar na frente de todos só porque eu não estava empinando pipa ou jogando futebol como os outros meninos, mesmo sabendo que eu não me identificava com essas brincadeiras. Cheguei em casa aos prantos, contei para os meus pais o que tinha acontecido e, como um soco na cara, ouvi:

— Você não é homem, não? Aprenda a se defender! — disse meu pai. E, virando-se para a minha mãe, acrescentou: — Você está mimando demais esse garoto, é nisso que dá!

No colégio, foi fácil me isolar de pessoas com esse pensamento opressor e homofóbico. As amigadas que construí no ensino fundamental fizeram com que o bullying que sofriamos não tivesse tanta força, pois nos apoiávamos mutuamente. E essas ofensas muitas vezes vinham de questões comportamentais. Eu e meus amigos não jogávamos futebol nem andávamos com os meninos mais populares, mas éramos próximos dos professores, de muitas meninas e tirávamos boas notas. Isso gerou certo ciúme em alguns meninos da sala. Éramos criativos, educados, não ficávamos falando das meninas, brincávamos, estudávamos, assistíamos a muitos desenhos juntos e por isso nos tornamos tão amigos.

Conseguimos formar um grupo bem unido e não deixamos de brincar e de viver nossa infância, mesmo que sob o olhar de alguns isso não fosse considerado masculino... O Pablo era um menino muito educado e inteligente, que sofria pelo excesso de espinhas no rosto. Também era evangélico, mas de uma outra Igreja. Fernandes tinha cabelo liso cortado ao estilo tigelinha e usava óculos, o típico nerd da época. Fomos muitas vezes à casa dele jogar videogame. Thiago Pires era muito gente boa e companheiro, gordo e baixinho. Ficamos próximos, e eu não me conformava em ver as pessoas tirando sarro dele por seu peso. E o Murilo, também baixinho, supereducado, inteligente, prestativo, chamava atenção dos professores pela dedicação aos estudos. Numa escola em que a maioria dos jovens frequentava as aulas por obrigação, ver um garoto que gostava de estudar enchia os professores

de orgulho. Eu, o brincalhão da turma, também desenvolvi uma grande admiração por ele.

Nessa época, eu já havia aprendido a esconder vários sentimentos por medo de rejeição, mas, por mais que os combatesse, não conseguia vencê-los. Comecei, então, a ter amores platônicos pelos amigos mais próximos. O primeiro foi o Murilo.

Murilo e eu nos aproximamos de uma forma natural. Apesar de sentir muito carinho por ele, de estar apaixonado, não tive coragem de me declarar. Não queria ser rejeitado pelo meu melhor amigo; preferia me manter calado e apenas viver a amizade, com brincadeiras, momentos de estudo e tudo a que uma criança tem direito. Todos esses sentimentos eram bons e me davam ânimo para ir à escola e enfrentar qualquer tipo de brincadeira de mau gosto feita pelos outros meninos da sala.

Quando voltava do colégio e enfrentava minha outra realidade, eu percebia que o que sentia pelos meus amigos não era comum, pelo menos não no meio em que estava crescendo. Todos os domingos de manhã eu tinha de ir ao Culto de Jovens e Menores, e, nas tardes de sábado, estudar violino com os outros meninos — era tudo que eu podia fazer, me preparar para um futuro no qual eu não sabia se conseguiria ser feliz.

Com essa rotina dentro da Igreja, comecei a fazer ali também um círculo de amigos. Naquela época, eu estava tomando consciência dos meus desejos. Queria conhecer pessoas novas para saber se alguém se sentia como eu e como lidavam com isso. Os sentimentos sempre presentes no meu coração eram insegurança quanto a ser aceito por Deus do jeito que eu era e medo de acabar indo para o inferno. Eu ouvia as pregações dos pastores e temia ser condenado à danação eterna por

algum pecado que pudesse estar cometendo, qualquer que fosse. Por isso, prezava muito por um comportamento mais próximo do que era considerado certo, ao menos na frente deles.

Meus pais eram extremistas. Nunca haviam ido ao cinema, à praia ou a um show, nem visitado outras igrejas. Eles procuravam seguir à risca a cartilha de normas que a Igreja determinava para as famílias cristãs. O que mais temiam na criação que deram a mim e à minha irmã era que nos desviássemos dos caminhos que haviam definido antes mesmo que nascêssemos. Eles acreditavam que, frequentando a Igreja e seguindo suas práticas, nos manteríamos fora de qualquer perigo.

A dança também começou a ser um peso para mim, porque eu sempre ouvia dos meus amigos da Igreja que meninos não dançavam. Segundo a doutrina imposta pelos fundadores, baseada em trechos da tradução bíblica seguida por eles, o único modo de expressão permitido para se comunicar com Deus seriam os cânticos. Até hoje a Igreja não dá liberdade para que seus fiéis expressem seus sentimentos com o corpo, a dança ou movimentos mais espontâneos.

Assim, à medida que crescia, eu percebia que algumas coisas de que gostava poderiam me afastar das pessoas que eu mais amava. Neguei alguns desejos, ou ao menos tentei reprimi-los. Só dançava perto dos meus primos que não eram da Igreja ou do colégio.

Um dos meus maiores conflitos quando criança era como lidar com esses sentimentos que sempre estiveram dentro de mim e conciliar isso com a religião. Como não abalar minha fé e tudo o que eu estava cultivando na Igreja durante todos esses anos?

Na Igreja, éramos ensinados a viver isolados, a acreditar que lá dentro estaríamos vencendo o pecado e que não deveríamos nos envolver com nenhum dos prazeres mundanos. Por isso, em minhas orações, eu

sempre pedia piedade para não ir para o inferno nem ser “jogado no mundo”. Convivo com a homofobia desde muito cedo, mesmo sem saber no início o que isso significava. A partir dos exemplos que eram expostos dentro da Igreja, aprendi a achar que o que eu sentia era errado.

Nessa época, minha mãe veio conversar comigo sobre um amigo dela que havia falecido, querendo saber se ele havia me desrespeitado em alguma visita à nossa casa, se tinha feito alguma brincadeira de que eu não havia gostado. Respondi que não, mas, sem imaginar a resposta, perguntei por que ela estava fazendo aquelas perguntas. Minha mãe contou que esse amigo era gay e tinha traído a esposa durante anos com outros homens, de dentro e de fora da Igreja.

O que mais me espantou nessa história foi o fato de ele também ser da Igreja, batizado inclusive, e sua mulher uma das organistas mais antigas da sede — isso deu um nó na minha cabeça. Meu contato mais próximo com homens gays tinha sido pela TV, nos programas de comédia, ou em comentários maldosos que eu ouvia dos meus tios. Nunca imaginei que alguém que havia frequentado a minha casa pudesse ser gay.

Minha mãe continuou falando sobre o sofrimento da amiga ao saber que estava sendo traída e, reproduzindo algo que sempre escutava dentro da Igreja, disse que o marido dela havia morrido porque tinha “pecado”, e Deus castigava os pecadores. Naquele mesmo dia, ela me contou que dois filhos desse casal também eram gays. Eles eram muito mais velhos, não faziam parte da minha geração. Mesmo assim, haviam frequentado festas da minha família, e algumas coisas que eu estranhara no comportamento deles fizeram sentido naquele momento, como o fato de ficarem sempre mais isolados e não falarem muito de si. Eles

também nunca tinham aparecido com namoradas, mas isso não havia chamado a minha atenção até então, pois aprendi que Deus colocava as pessoas certas na vida de cada um na hora certa, e isso poderia levar muito tempo. Vi homens negros se casarem muito tarde e muitas mulheres negras ficarem solteiras para sempre, não por escolha própria.

Nessa mesma época, eu devia ter uns onze ou doze anos, uma outra grande amiga da minha mãe passou por uma situação parecida. Ela e o esposo tinham três filhos: o mais velho, Rodrigo, muito bem-educado e responsável; o do meio, Ricardo, que tocava saxofone como ninguém na Igreja e em festas de aniversário e casamento; e a mais nova, Catarina, que, além de cantar muito bem, estudava órgão. Ela e minha irmã ficaram muito amigas, saíam juntas, frequentavam a casa uma da outra e tinham o mesmo círculo de amigos e os mesmos gostos.

Em meio às minhas próprias questões e descobertas, não percebi umas conversas que rolavam dentro de casa entre minha mãe e minha irmã, até elas comentarem que havia acontecido algo na casa da Catarina. Não entendi muito bem, mas parecia ser alguma coisa com o Ricardo. Alguns dias depois, minha mãe me contou que ele havia traído a confiança dos pais e fora expulso de casa. Não compreendi por que isso tinha acontecido, e somente alguns dias depois fui descobrir que Ricardo tinha sido flagrado pelo pai transando com um amigo dentro de casa. Por isso ele foi expulso, perdeu os cargos que tinha na Igreja — o batismo significava um pacto de fidelidade, selado entre a pessoa batizada, a Igreja e Deus, que ele havia quebrado —, virou motivo de fofoca, de comentários preconceituosos e teve sua vida exposta. Fiquei anos sem vê-lo. Segui meu caminho com medo de que o mesmo pudesse acontecer comigo.

Esses episódios me fizeram crescer na defensiva e me tornei uma criança aparentemente feliz, mas com muitas perguntas sem resposta, muitos desejos sem explicação, me encantando por garotos de outras séries e escondendo isso até dos amigos mais próximos.

Por sofrer sozinho, me achar diferente dos outros meninos, inclusive dos meus amigos, procurei focar minha energia na Igreja e nos estudos. Quando tentavam saber como eu estava ou como era a minha vida, eu só contava até certo ponto. Se insistiam em ultrapassar esse limite, eu me tornava grosseiro, porque tinha medo do julgamento que iam fazer de mim.

Presenciei cenas que hoje considero desumanas e humilhantes, tanto na Igreja — com pessoas tendo sua vida exposta pelos líderes religiosos — quanto no colégio — onde meninos mais femininos eram motivo de chacota, mesmo que ainda nem sequer tivessem certeza de sua orientação sexual. Percebi ao longo do tempo que a solução mais fácil, dentro e fora da Igreja, era a lei do “Não fale, não pergunte”. Eu acreditava que, indo para a Igreja todos os dias, orando e escondendo o que sentia, além de aumentar minha fé, me “libertaria” do meu suposto erro. Além disso, acreditava que seria um homem de verdade, que o tempo me faria mudar. O silêncio me ajudaria a reverter a situação e evitaria sofrimentos.

O meu maior medo era perder o amor dos meus pais. Apesar de tudo que eu passava em silêncio, eles fizeram o que estava ao seu alcance para me dar uma boa base, os presentes que podiam... Com o tempo, foram ficando mais tolerantes em relação à televisão, a visitas à casa de amigos do colégio, a certas festas escolares e passeios, às músicas que eu e minha irmã escutávamos e ao som das quais dançávamos. Eu queria poder conversar com meus pais sobre o que sentia, sobre minhas

angústias, mas tinha medo de ser expulso de casa e ter minha vida castigada por Deus, como acontecera com o filho daquela amiga da minha mãe. Também receava ser motivo de deboche na família, como ocorrera na minha infância.

Eu queria ser um bom músico na Igreja e, por isso, na sétima série, empenhei nisso os meus esforços. Fiz mais amigos que gostavam de tocar, e alguns dos meus primos começaram a estudar música na Igreja também. Meu pai começou a ver os resultados desses esforços, e eu via em seu olhar o orgulho que sentia por mim. Acompanhava-o na igreja em todos os cultos e, desde pequeno, sentava-me ao seu lado. Depois, um pouco mais velho, comecei a me sentar numa outra fileira, mas sempre próximo a ele, porque gostava de ver a orquestra, os violinistas e, é lógico, meu pai tocando. Enquanto muitos outros garotos da minha idade, ou até mais novos, ficavam do lado de fora brincando, meu pai, muito rígido, nos ensinou, a mim e a minha irmã, a ficar dentro da igreja e a prestar atenção no culto.

Do lado materno, éramos a terceira geração a frequentar a Congregação Cristã no Brasil. A Igreja tinha as suas próprias regras: as mulheres usavam véu nos cultos, tinham que ter cabelos compridos, era proibido usar ou abusar da maquiagem e usar calça. Elas não tinham muito poder de decisão, não presidiam cultos e podiam tocar instrumentos em poucas ocasiões e lugares. Já os homens não podiam ter barba, usavam terno e gravata, mantinham o cabelo sempre baixo e bem cortado e tinham mais autoridade. Alguns eram escolhidos para pregar, cuidar da orquestra, da portaria das igrejas, atender enfermos e necessitados.

Pude participar de vários trabalhos sociais dentro da Igreja ao longo do meu crescimento, e isso me encantava muito. A disciplina me dava

uma sensação de segurança e paz, muito diferente do que eu via quando estava fora daquela comunidade. Por isso, frequentar os cultos não era um esforço para mim, e fazer amigos lá dentro nunca foi uma tarefa difícil.

Os homens se sentavam de um lado e as mulheres do outro. Certa vez, em um domingo, eu estava sentado no meu lugar de sempre, em uma das extremidades do banco que dava acesso ao corredor. Naquele dia, o culto lotou. Os cultos de domingo na região do Jardim Miriam sempre lotavam. Em determinado momento, um rapaz chegou e ficou em pé no corredor. Vendo isso, ofereci espaço ao meu lado. Quando me virei para falar com ele, olhei-o fundo nos olhos e tudo ao meu redor pareceu sumir. Foi uma fração de segundo, mas muitas coisas passaram pela minha cabeça: “Nossa, que homem bonito. Meu Deus, quem é ele? Quantos anos ele tem, de onde é?”.

Não consegui puxar assunto, só tive coragem de oferecer espaço para ele se sentar, que só aceitou depois de muita insistência. Essa cena se repetiu durante alguns meses, e pude, aos poucos, conhecê-lo melhor. Seu nome era Flávio, e descobri que ele não era daquela região, estava apenas começando a frequentar a Igreja. O jeito amigável com que me tratava e a postura que tinha dentro da Igreja foram me deixando encantado, e todos os domingos eu ansiava por sua companhia.

Eu não me permitia sentir por ele nada além de admiração e não conseguia entender os outros sentimentos que me acompanhavam. A saudade, a vontade de revê-lo, de conversar com ele, tudo isso se assemelhava muito às paixões platônicas que eu tinha no colégio. Sabia que não seria prudente externar esse sentimento e mais uma vez resolvi transformar tudo em amizade. Mas, por dentro, eu me revoltava com

isso. Sentia frustração, medo, rancor e angústia, e muitas vezes explodi de raiva.

Em um domingo de ensaio da orquestra, conheci Derick, o irmão do Flávio. Assim que o ensaio acabou, fui me sentar no lugar de sempre. O meu companheiro de banco chegou cedo e me disse que estava acompanhado do irmão mais novo, que também estudava violino.

Eu e Derick nos demos bem logo de cara. Ele era muito parecido comigo quando falava da Igreja e dos seus objetivos. Eu nunca tinha conversado com uma pessoa que pensasse de um jeito tão próximo do meu. Trocamos telefone para marcar de estudar violino e ir a outros ensaios juntos. Ele lembrava muito o irmão mais velho, então eu resolvi deixar de lado um sentimento que não era correspondido para me dedicar a esse que estava nascendo.

A partir desse dia, comecei a ir à casa dele todas as semanas para estudar violino. Meu pai, contente com essa nova amizade dentro da Igreja e vendo a minha empolgação, aceitou de boa vontade me levar todas as quartas-feiras à noite na casa do Derick, que não era tão distante da minha.

Entrei na oitava série com um novo amigo, novos objetivos e uma nova esperança de que as coisas começariam a mudar.

Primeiro amor

ENTRAR NA OITAVA SÉRIE SEM TER DADO NENHUM BEIJO, sem ter tido uma namoradinha, sem ter comentado com amigos sobre alguma história de amor era quase um pecado — e eu o cometi.

Nunca consegui me apaixonar por uma garota, embora tivesse decidido fazer de tudo para seguir os princípios da Igreja. Meu primeiro beijo foi durante uma viagem a Valinhos, em uma tentativa de mudar a imagem que eu tinha das meninas. Ninguém me forçou a nada, mas me senti na obrigação de provar aos meus amigos e primos que era um homem heterossexual. Assim que acabou, porém, tive certeza mais uma vez de que mulheres não me atraíam e de que o fato de beijar uma não faria eu me sentir diferente — perceber isso foi um choque e trouxe um medo desesperador, que me deixou sem saber o que fazer.

Minhas paixões platônicas não estavam mais restritas ao colégio. Elas estavam bem mais próximas, e, para não ser julgado, ofendido, desprezado, eu as transformava em amizade. Era certo que eu me apaixonaria pelo Derick, pois havíamos nos aproximado bastante e tínhamos muitas coisas em comum. Por saber das consequências de assumir esse sentimento, sempre me políciei e me coloquei à disposição para uma amizade com muitos cuidados, muita cumplicidade, muito amor e respeito. Congregávamos juntos, falávamos sobre o futuro, orávamos; ele começou a frequentar a minha casa, conheceu a minha família, e essa amizade de certa forma me salvou. Eu podia não ter o amor carnal dele, mas tinha um grande amigo por perto, uma amizade

que via que poderia durar muitos anos. Não me sentia mais sozinho, tinha alguém para conversar, alguém que se preocupava com o meu bem-estar e a minha felicidade.

Nossa amizade cresceu conforme os dias foram passando, mas eu só conseguia vê-lo como um companheiro para a vida toda, não tinha coragem sequer de pensar em avançar o sinal. Nunca havia passado pela minha cabeça fazer isso com homem algum, mas eu sonhava em ficar com alguém que fosse como ele, que cuidasse de mim como ele.

Na oitava série, eu me revoltei. Fui parar em uma sala que era considerada a pior do colégio. Já não estava mais estudando com nenhum dos meus amigos. Tive que conhecer novas pessoas, bem diferentes de mim, com personalidades mais fortes do que aquelas com as quais eu estava acostumado.

Eu continuava me apaixonando por outros colegas. Era tudo tão natural. Eu ouvia uma música e me lembrava de um, via outro passar no pátio e suspirava (sem que ninguém percebesse). Tinha sonhos, fazia planos e imaginava como poderiam ser as coisas se o mundo fosse diferente. Mas, como eu sabia o que poderia acontecer se externasse tudo aquilo, ficava apenas sonhando, sozinho, e acabava sofrendo bastante. Eu já vinha passando por essa situação fazia anos, sem conseguir falar com ninguém sobre esse desejo que não me abandonava, e isso estava gerando um conflito muito grande dentro de mim. Quantas vezes voltei para casa e fiquei horas sem dormir, me perguntando por que eu não podia ter nada com os meus colegas...

Tudo se intensificou quando comecei a desvendar os prazeres do corpo. O medo me fazia acreditar que qualquer tipo de prazer era errado, e eu estava cheio de dúvidas. Quando me masturbei pela primeira vez, estava tomando banho. Não cheguei a gozar, mas senti

uma sensação muito gostosa, uma coisa intensa, um arrepio e um calor. Imediatamente, os sentimentos de prazer e culpa me tomaram. Mas isso não me impediu de, no outro dia, experimentar de novo. Acabei gozando pela primeira vez e conheci o prazer. Foi mágico.

Nessa época, eu estava decidido a não fazer parte do mundo gay. Não queria ir para o inferno, mas salvar a minha alma, ir para o céu, mesmo que para isso negasse os meus desejos. Eu não queria ver a minha vida afundando. A revolta que sentia por não poder ser eu mesmo, por não poder viver um amor e expressar meus sentimentos, me aproximou de novas pessoas no colégio. Elas fumavam, já tinham transado e não se preocupavam em ser tão boas em todas as matérias. Eu escutava muito rock pesado com elas, e comecei a usar roupas pretas iguais às delas até mesmo para ir à igreja. De alguma forma, essas atitudes me permitiam mostrar um pouco da revolta que eu sentia.

Mas o medo de ir para o inferno mais uma vez me fez pensar que esse não era um bom caminho, e por isso resolvi me batizar. A Congregação aconselhava o batismo depois dos doze anos, e eu já tinha quase catorze. Eu me senti chamado naquele momento, e estava certo da minha decisão. No dia da celebração, meus pais estavam na igreja e eu estava sentado com o Derick. Já havia decidido não alimentar mais esperanças em ter algo com ele, já que minha vida futura seria guiada somente para servir a Deus. Mas, quando ia em direção ao vestiário colocar as roupas para descer às águas do batismo, comecei a pensar em tudo que já tinha vivido e na certeza de que era homossexual.

Eu já tinha essa consciência, sabia que esse desejo não ia me abandonar mesmo que eu não falasse para ninguém. Mas também estava certo de que minha fé iria me salvar, de que Deus me daria forças para viver todos os anos da minha vida com aquela verdade e de que

isso não me afastaria Dele. Lutaria com todas as minhas forças para mudar meu futuro — eu acreditava que, se aceitasse minha sexualidade, teria um futuro ruim, de muita dor e sofrimento. Meu único objetivo naquele dia era salvar minha alma. Eu não queria ir para o inferno, não fazia questão de casamento, casa, carro, emprego, nada material... Só queria ter a certeza de que não passaria a eternidade sofrendo ainda mais.

Esse dia foi um momento de muita alegria, pois junto comigo se batizaram mais um primo e alguns amigos com quem eu estudava música. Todos muito jovens ainda, mas cheios de vontade de crescer espiritualmente dentro da Igreja.

Igreja

O QUE EU SENTIA NÃO PASSOU COM O TEMPO. EU NUNCA tinha conversado com ninguém a respeito e, depois do batismo, me vi na obrigação de manter isso tudo bem escondido. Com fé de que o meu desejo por homens poderia desaparecer, comecei a criar meios de ocupar a cabeça com outros assuntos.

Aproveitei meu tempo livre à tarde para fazer alguns cursos. Ainda não tinha idade suficiente para trabalhar, então fiz curso de violão, com o intuito de tocar alguns hinos da Igreja, e um de telemarketing, pensando na possibilidade de, assim que completasse dezoito anos, começar a trabalhar. Também comecei a fazer o curso de cabeleireiro, em uma ONG chamada Aldeia do Futuro, porque já imaginava que não ia querer pagar para cortar o meu cabelo. Minha irmã se interessou também e começou a fazer o curso comigo, o que foi ótimo para nos aproximar. Na verdade, sempre fomos muito unidos, mas os meus conflitos estavam me afastando cada vez mais da minha família.

No colégio, me encantei por mais um rapaz, o Eduardo. Ele era branquinho, baixinho, loiro de olhos verdes e muito inteligente. Andava com uma galera que eu ainda não conhecia, mas com o tempo acabamos nos aproximando. Ele começou a fazer o curso comigo na ONG e o meu interesse só aumentou. Mas havia um porém: ele namorava. Mesmo sabendo disso, alguns meninos do colégio o zoavam, porque ele não jogava futebol e andava com as meninas. Certa vez, na sala de aula, criei coragem e, sentado muito próximo a ele, coloquei a

mão em sua perna. Já tínhamos uma liberdade e uma intimidade que eu conquistara junto a todos os amigos mais próximos. Então perguntei:

— Edu, você não se incomoda com essas brincadeiras dos outros moleques?

— Eu não, não tenho que provar nada pra eles. Sei que gosto de mulher — respondeu ele, direto e sem se incomodar com a pergunta.

Apesar disso, eu percebia que ele olhava para certos rapazes no colégio de um jeito diferente e tinha alguns trejeitos ditos mais femininos. Ele nunca namorava por muito tempo, e, sempre que terminava, colocava vários defeitos na menina. Eu sabia que em outras salas havia meninos que já tinham se assumido gays e receava ter a minha imagem associada à deles, porque já estava batizado e não queria dar o mau exemplo. Mas, muitas vezes, acabava enfrentando esses receios e conversava com eles.

Presenciei alguns atos de homofobia dentro do colégio e não vi nenhum professor tomando providências para que isso parasse. Naquela época, os gays assumidos tinham que ter muita coragem, pois eram constantemente humilhados. Alguns não aguentavam e mudavam de colégio, outros até paravam de estudar, e a grande maioria dos garotos e garotas LGBTs só assumia sua sexualidade depois de terminar o colegial.

A homofobia me encontrou dentro da Igreja também, embora eu me esforçasse muito para esconder a minha homossexualidade. As pessoas acabam percebendo pequenos sinais, e o fato de eu não ter namorada, nunca falar de garotas e ser cheio de amigas fez com que um rapaz começasse a pegar no meu pé.

Elder tinha um temperamento explosivo e era bem conhecido na irmandade. Era amigo do Afonso, o primo que se batizou no mesmo dia

que eu, e muitas vezes nos acompanhava nas visitas a famílias da Congregação ou a outras igrejas. Certo dia, após tocarmos, cantarmos e orarmos em uma visita familiar, o dono da casa nos ofereceu um lanche. Éramos cerca de vinte e cinco pessoas.

— Você viu que a Lara vai casar? — perguntou uma das moças presentes.

— Graças a Deus, né?! Quanto tempo ela ficou solteira? Que bom que foi preparado um servo temente a Deus pra ela — respondeu um auxiliar de jovens.

— Tem muito jovem namorando na nossa comunidade, não é verdade?! — comentou outro.

— Sim, tem. Mas tomem cuidado, porque o Samuel está de olho nos solteiros — rebateu o Elder.

— O que você quer dizer com isso, Elder? — falei sem graça, pois não esperava um comentário desses na frente daquelas pessoas todas.

Eu estava fazendo tudo certo, nunca tinha dado em cima de ninguém da Igreja. Nessa época, já tinha meus amigos mais próximos e companheiros de banco. Ficávamos sempre uns ao lado dos outros, conversávamos e combinávamos de congregar juntos. Como fiz com todos os amigos, sempre me preocupei, abracei, cuidei e fui cuidado por eles, mas guardava para mim qualquer tipo de interesse que pudesse nutrir por algum deles, ou não percebia quando os externava.

— Ora, Samuca, você já está acabando os seus estudos, e muitos aqui começaram a namorar nessa época, ou até um pouco antes. Nunca vi você namorando ninguém, mas percebo o seu interesse quando algum irmão novo se batiza ou alguma visita entra na igreja. Cuidado, meninas — disse ele, e todos riram.

— Que brincadeira sem graça, Elder. Não te dei liberdade para falar comigo dessa maneira, e se até o momento você não me viu com ninguém é justamente porque eu me dedico aos meus estudos. Quero ter uma formação. Não espero ser como você, que só terminou o colegial e não fez faculdade. Acho que já deu a minha hora, vou para casa. Vamos, Miriã?! — respondi em tom amigável, pois o clima já estava pesado e eu não queria me exaltar. Se fizesse isso, poderia mostrar aos outros que o que o Elder acabara de falar era verdade.

Aquela situação me lembrou muito o que eu tinha vivido na infância, a humilhação que passei naquele domingo com a minha família. Só que dessa vez tinha sido na frente de algumas pessoas que me conheciam da igreja. A partir daquele dia, decidi que seguiria à risca os mandamentos evangélicos e me consagraria a Deus para ser um servo temente e impecável. Os julgamentos começaram a fazer parte do meu cotidiano.

Nossa doutrina pregava certas regras, e em algumas delas o ancião da minha igreja era bem enfático, como por exemplo com relação às roupas que os homens podiam usar. Depois de batizados não podíamos usar shorts em público, jogar, nem ter relações sexuais antes do casamento. As mulheres não deviam cortar o cabelo, passar maquiagem, ingerir bebida alcoólica, ir ao cinema, teatro, praia, baladas, entre tantas outras diversões do mundo. Comecei a julgar as pessoas que não seguiam essas regras, e assim consegui atingir alguns meninos que, junto com o Elder, aproveitavam algum deslize meu para me julgar também. Isso durou algum tempo, e não percebi como eu estava ficando chato e intolerante. Até que esse meu jeito começou a afetar a amizade com o meu melhor amigo, o Derick.

— Derick, você joga futebol. Agora você é batizado, não deveria fazer isso. Você sabe o que a Igreja diz a esse respeito, né?

— Poxa, Samuca, não acho que Deus vá se magoar comigo só por conta disso. Tenho ido jogar com a galera da igreja — respondeu ele num tom um pouco preocupado.

— Então quer dizer que agora existe até time entre as igrejas? — rebati, indignado.

— Sempre existiu. A galera da minha comunidade já jogou com a galera de Diadema, do Jardim Miriam e de outros lugares. É bacana porque conhecemos mais gente, é bem divertido.

— Eu não entendo, amigo. Por que para algumas coisas as regras da Igreja não se aplicam? — continuei, indignado.

— Do que você está falando?

— Estou querendo dizer que procuro seguir os princípios da Igreja, me esforço para isso, sofro, me policio para ter uma vida correta e os outros não.

— Você está frustrado com alguma coisa?

Pensei em responder a ele com toda a sinceridade, dizer que o que mais me incomodava não era o fato de os outros se divertirem, mas o de não poder expressar o que eu sentia, e de que o pouco que eu conseguia colocar para fora estava me fazendo ser ameaçado. Eu sentia que ele não estava preparado para saber que seu grande amigo gostava de homens, que o amava desde que haviam se conhecido. Por isso, mudei de assunto.

— Ouvi dizer que você está gostando de uma menina da minha sede. Sua mãe é amiga dos pais dela, né?! — perguntei, curioso.

— Sim, é verdade. Conheci ela numa visita familiar que a minha mãe fez e ficamos amigos. Nossos pais já até falaram que, quando nós dois ficarmos mais velhos, gostariam que a gente se casasse. Vê se pode — comentou ele, sorrindo.

Senti ciúmes, uma sensação estranha de perda, mas quis saber mais.

— E como ela é? Vamos um dia comigo na minha sede e você me mostra quem é. Quero ser amigo dela.

— Vamos, sim. Hoje é domingo e ela me disse que estaria lá. Vamos?
— sugeriu ele, empolgado. — Quero muito que você se dê bem com ela também. Você sabe que eu te amo, amigo, e quero sempre você por perto.

Era normal declararmos os nossos sentimentos mais íntimos um ao outro. Eu não escondia que o amava, dizia sempre que podia, mas meu amor era recebido como amor de amigo. Dentro do meu coração eu gostaria de poder dizer como o amava por cuidar de mim todos aqueles anos, me ensinando a tocar violino, estando presente nas horas de angústia.

Conheci a Tami, a menina pela qual o Derick tinha se interessado. Ela era amiga de amigos da minha sede, então ficamos próximos. Nessa época eu já era bem conhecido na igreja. Tinha feito muitos amigos, com quem congregava em outras sedes, fazia visitas, tocava junto, uma rotina que começou a se intensificar. Enquanto duas primas da mesma idade que eu, a Maria e a Mila, estavam saindo para baladas e ficando com garotos, eu, minha irmã e alguns outros primos nos envolvíamos cada vez mais com os afazeres da Congregação.

No colégio, fui me aproximando do Eduardo. Ele passou por alguns momentos difíceis em casa, com a morte do pai e a mudança da mãe para morar com o namorado. Vivia mais com os irmãos do que com a mãe, e isso o deixou um pouco mais carente e aberto às demonstrações de carinho. Eu estava disposto a ser um bom amigo. Procurava ajudar com o que podia e me esforçava para introduzir novas companhias na vida dele. Começamos a treinar handebol com mais algumas pessoas da

turma, fazíamos trabalhos juntos, íamos para o curso na ONG e tínhamos muitos assuntos em comum.

Na ONG, também me abri para novas amizades. Conheci pessoas de outras religiões que me fizeram duvidar da verdade inquestionável que eu seguia dentro da Igreja, segundo a qual somente as pessoas batizadas iriam para o céu. Tive amigos espíritas, umbandistas, testemunhas de Jeová, ateus e de diversas outras religiões, e nada disso importava, porque a nossa amizade e o respeito que tínhamos uns pelos outros eram maiores do que essas questões. Mas eu ainda tinha certas restrições na época, e me lembro de me sentir desconfortável, às vezes, por estar falando com uma pessoa de outra religião.

Foi na ONG que comecei a acordar também para questões relacionadas à minha cor. Quando começou uma nova turma de capoeira por lá, eu logo me inscrevi. Na sala, havia vários negros e negras com tranças, cabelo black power, roupas étnicas e diferentes das que eu estava acostumado a ver na igreja. Foi quando percebi, pela primeira vez, que minha mãe e minhas tias alisavam o cabelo para ir ao culto.

Na época, elas usavam uma prancha que era aquecida no fogo. Vestiam saias modestas, sem muita estampa, em cores neutras, e deviam manter cabelos longos, um desafio para as mulheres negras, para quem o cabelo geralmente não passa do ombro. Quando vi essas outras negras de cabelo alto, sem esconder o crespo que evidenciava sua etnia, achei lindo. Foquei no curso de cabeleireiro para aprender melhor as técnicas de tranças nagô, assim como fui me aprofundando na capoeira, que o jogo era ao som do berimbau e do atabaque. Até então, o que eu sabia era que esses instrumentos faziam parte dos cultos de umbanda e candomblé.

Além dos cursos mais técnicos, os professores colocavam os alunos, quase todos negros, em contato com a sua cultura de origem, levando palestrantes de países africanos para as aulas. E eu fui ficando preocupado em estar fazendo uma coisa errada.

Certo dia, já incomodado com minhas dúvidas, cheguei em casa e perguntei para minha mãe:

— Mãe, você acha errado eu jogar capoeira?

— Não sei, meu filho, por que a pergunta?

— Eu gosto de lutar, mas fico pensando se, por sermos da Igreja, os irmãos não vão achar ruim. Você sabe bem como eles falam.

— Bem, então eu acho que no próximo culto de jovens você deveria perguntar ao seu cooperador.

No domingo seguinte, esperei o culto acabar e fui falar com o cooperador, que é o mesmo que pastor, Wil.

— Tenho uma dúvida, irmão. Queria saber a sua opinião, ou melhor, queria saber o que a Igreja acha a respeito...

— Pode falar, Samuca. É alguma coisa sobre as visitas familiares que estamos fazendo, sobre o culto ou sobre a doutrina da Igreja?

Wil sempre fora muito próximo e amigo dos jovens, sempre disposto a escutar.

— Eu quero saber se é errado jogar capoeira — disse. — Você sabe se a Igreja tem alguma coisa contra?

— Olha, Samuel, vou ser sincero com você. Eu não sei se a Igreja é contra, mas eu acho que tem muita ligação com o candomblé, uma religião que não aprovamos. Você deveria se afastar. Aqueles instrumentos que tocam lá são usados em cultos malignos e podem fazer você ficar cego para a fé cristã. Precisamos sempre vigiar e orar, buscar nos afastar do que nos afasta de Deus.

Depois daquela conversa, voltei para casa pensativo. Não queria deixar de jogar capoeira, mas receava que isso me afastasse do que já fazia parte da minha vida. A Igreja venceu e resolvi parar de jogar.